

# GRANDES PORTUGUESES

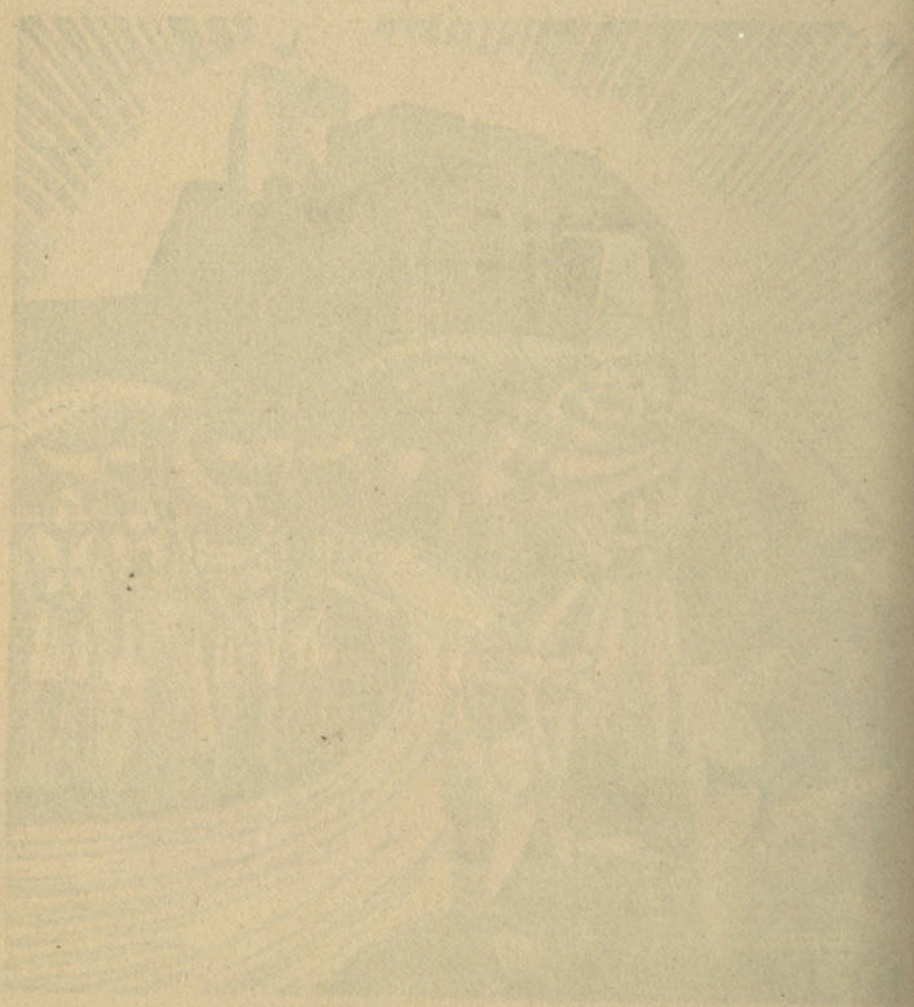
18244<sup>11</sup>

3



**DOM GUALDIM PAIS**

PORTUGAL ■ EDIÇÕES **SPN** LISBOA ■ 1944



Grandes oficinas gráficas «Minerva»  
de Gaspar Pinto de Sousa, Sucessores,  
Ld.<sup>a</sup> — Vila Nova de Famalicão

809  
18244 11

DEP. LEG.

# DOM GUALDIM PAIS



R. 162077



# GRANDES PORTUGUESES

LIVRO NÚMERO TRES



**DOM GUALDIM PAIS**

**Primeiro Mestre português dos Templários**

Quando hoje famílias ou grupos de gente portuguesa aproveitam as suas férias fazendo excursões através do país, talvez a bem poucas acuda a idéia do que essas terras eram há oitocentos anos, no alvorecer da nossa nacionalidade. Admiram os campos férteis povoados de pitorescas aldeias e casais, quintas e herdades bem amanhadas, os trabalhadores rurais que lavram e semeiam a terra e lhe colhem os frutos em paz, os caminhos de ferro e as boas estradas, as cidades e vilas com seus progressivos melhoramentos: canalizações, electricidade, boa administração e policiamento, escolas, hospitais, asilos, jardins públicos, fábricas, tôdas essas comodidades, seguranças e riquezas cujo desenvolvimento extraordinário dos últimos anos têm tornado Portugal um modelo de bom govêrno que se impõe ao respeito do mundo.

Visitando as nossas cidades, os portugueses vêem as suas ruas asseadas, as suas largas avenidas ladeadas de árvores, enfeitadas de canteiros floridos, as suas casas alegres, os seus lindos jardins, as suas igrejas, e andam de um lado para o outro em automóveis ou em bons carros eléctricos, e viajam em compartimentos de combóios ao abrigo do tempo e gozam de ver as estações muito limpas, bonitas e rodeadas de flores. Ou vão em camionetas por boas estradas. À sombra dos grandes monumentos da nossa história—que é a mais bela e maravilhosa história do mundo—, desembrulham as suas merendas e com elas se regalam alegremente, ali onde tanto sangue correu e tão nobres feitos se praticaram.

Entre tôda essa gente que percorre o país aos milhares, dormindo em bons hotéis ou pousadas, comendo em bons restaurantes ou casas de pasto, servindo-se de bons meios de transporte, viajando com tôda a segurança, armando muitas vezes as suas tendas de campanha em charnecas e florestas onde dormem em paz,—entre tôda essa gente feliz bem poucos se lembram do que era esta terra nos tempos do Conde Dom Henrique, de Dona Teresa, de Dom Afonso Henriques, de Dom Sancho I.

No entanto os portugueses de hoje deviam pensar nesse passado porque a gente é feita de tal modo que não é capaz de gozar completamente seja do que fôr, senão por meio de comparações. Uma pessoa pobre cuida que a sua felicidade

está na riqueza; uma pessoa rica imagina que a felicidade está numa riqueza maior ou num sossêgo e descanso que não pode ter. A condição do homem, se o juízo lhe não tempera os desejos, é querer sempre aquilo que não tem e desdenhar do que possui, por muito bom que seja. Para êste mal de que a humanidade sofre tanto nos nossos dias — e que o materialismo tanto agrava, há um bom remédio: olhar para trás e para baixo em vez de olhar só para diante e para cima. Não digo que seja mau olhar para diante e para cima; mas só depois de olhar com atenção para trás e para baixo, depois de fazer a comparação do passado com o presente, de medir as distâncias percorridas, e de dar graças a Deus pelo *pão nosso de cada dia* que nos dá hoje.

Há oitocentos anos esta abençoada terra portuguesa onde habitamos em paz no meio da tormenta que vai destroçando o mundo inteiro, esta abençoada terra que um homem inspirado por Deus governa, encontrava-se ainda na posse dos moiros a não ser algumas províncias do norte que se chamavam havia pouco «Portugal». Mas o grande império, civilização e poder muçulmanos encontravam-se em decadência. Como tôdas as fôrças que sucessivamente dominam e se expandem como grandes flores de civilização e de poder, o Islamismo declinava rapidamente, desagregava-se. Passara o seu tempo; o seu sol estava no ocaso e outro sol principiava a iluminar o céu. Por-

que as civilizações são como os impérios, as nações e os homens; têm a sua curva de vida, sempre a mesma, do nascimento à morte.

Naqueles tempos os homens eram apaixonados e violentos nos seus desejos e ambições, e bravios nas suas guerras. Pelejava-se à arma branca: os reis, príncipes e fidalgos com suas espadas e lanças, o resto com o que podia, chuços, machados, maças cravejadas de pregos. Os que tinham cavalo iam montados, os que o não tinham iam a pé. As guerras eram correrias e chacinas, não de longe como hoje, mas de perto, corpo a corpo, um contra dois, três ou quatro, como calhava, cada qual fiado só na fôrça e na habilidade do seu braço e na ajuda de Deus. Não havia disciplina, nem planos de guerra sàbiamente estudados. Era ir para a frente, sem mêdo, atrás dos bravos capitães que davam o exemplo, e combater o melhor que se podia e matar para não ser morto.

Os moiros tinham os seus modos de guerrear, os cristãos tinham os seus; mas pouca diferença havia. Uns e outros, por onde passavam, roubavam, pilhavam, matavam gentes e gados, incendiavam casas, culturas, árvores, tudo que pudesse arder; e atrás de si deixavam a ruína, a devastação e o deserto.

Cultivavam os cristãos a terra para seu alimento, conforme podiam, onde a fortuna variável da guerra lho permitia. Os portugueses de então eram semelhantes aos beduínos nómadas que hoje vivem em certas regiões do norte de África. Não



tinham moradia certa nem terra certa de onde tirassem mantimento. Quando os guerreiros cristãos arrancavam aos moiros mais um pedaço de terra, ali se apascentava gado, ali se semeava o pão. Mas a sorte das guerras contínuas era incerta; o que hoje pertencia a cristãos, passava amanhã de novo para mãos de moiros. Quantas vezes pastores guardando os seus rebanhos eram surpreendidos por uma correria de infiéis que os matavam e lhes trucidavam os rebanhos? Quantas vezes uma seara que principiava a amadurecer era ceifada pelo temporal da guerra? Onde se estendia um campo de pão já loiro à luz do sol, onde umas cabanas se abrigavam escondidas no fundo de um vale, passava de repente a ventania brava de uma surprêsa moira e só ficavam cinzas.

Assim os territórios que à fôrça de tanto sangue os portugueses iam conquistando aos moiros eram na sua maior parte vastíssimas extensões desoladas e desertas, charnecas incultas, despovoadas, terra que nem charrua nem enchada rasgavam e onde não nascia um só pé de trigo, nem se via uma cepa de vinha, nem um tanchão de oliveira. Pedregulhos, mato bravo, terra morta, pântanos. Em lugar de gado manso havia ali apenas lóbos famintos e outras feras, e abutres e corvos à procura do alimento que a miúdo encontravam nos campos de batalha abandonados onde o solo ficava coberto de cadáveres insepultos; ou em algumas aglomerações de choupanas miseráveis onde a fome e as pestes tinham passado. Porque dês-

tes campos e dêstes pântanos onde corpos de homens e bestas apodreciam, levantavam-se doenças atrozes que envenenavam o ar e a água e matavam tudo que escapara ao alfange dos moiros; e as searas incendiadas e os gados mortos deixavam a miserável população entregue ao terrível e freqüente flagelo da fome.

Isto era há oitocentos anos a pátria portuguesa em formação. Charnecas bravias assoladas pela guerra sem tréguas, pela fome, pela peste, pelas feras e pelos abutres, abandonadas à sua ruína e infinita desolação.

Quando as crianças de hoje aprendem a história da sua terra, vêem na imaginação os primeiros reis portugueses marchando de vitória em vitória à frente das suas hostes de gloriosos e esplêndidos guerreiros, conquistando aos infiéis cidades e castelos e campos de cultura e trazendo, a cada triunfo, mananciais de riquezas. Mas a realidade era outra.

Era preciso conquistar a terra; terra que as guerras incertas e ferozes deixavam devastada e nua. Era preciso guardá-la, defendê-la, cultivá-la, povoá-la. Os portugueses em volta do seu rei não eram mais do que uma mão cheia de homens resolutos. Bons, valentes, rijos de corpo e alma como aço; mas poucos. Os moiros, ainda que amolecidos e enfraquecidos pelas doçuras da sua civilização, eram multidões.

Os portugueses, para levarem a bom fim a sua empresa, precisavam de auxílio. Encontraram-no às vezes nos Cruza-

dos de vários países cristãos que passavam com freqüência no Tejo a bordo das suas naus a caminho da Terra Santa. E, como o seu fim era combater os infiéis e como a nossa guerra era contra os infiéis, assim acontecia que, de passagem nos ajudavam, como sucedeu na conquista de Lisboa e de Silves.

Porém o melhor e mais constante auxílio que os portugueses tiveram na sua tão áspera tarefa, foi o das Ordens militares religiosas.

Não sabemos ao certo quando estas Ordens militares foram introduzidas em Portugal. Em todo o caso podemos dizer com tóda a segurança que a elas devem os cristãos das Espanhas a reconquista da península aos muçulmanos. Alexandre Herculano diz-nos que êstes frades-soldados que, se não tinham a disciplina militar, tinham a disciplina religiosa e o hábito de obedecer, levavam por isso grande vantagem aos outros guerreiros do seu tempo. Para a defesa dos castelos, vilas e territórios que lhes eram confiados, nenhuma outra guarnição poderia igualá-los; porque os castelos e praças fortes que êles defendiam, eram os baluartes dos mosteiros onde os frades-soldados viviam sob o comando e a rígida disciplina das suas Ordens, obedecendo incondicionalmente a um chefe venerado por todos, o Mestre; e todos consideravam o mosteiro como a sua casa, pois não tinham outro lar nem outra família, e ali viviam e morriam gostosamente presos pelos votos religiosos feitos de livre vontade.

As Ordens militares que ajudaram os primeiros reis de Portugal nas suas rudes lutas, foram quatro: a Ordem dos Templários ou Cavaleiros do Templo; a Ordem dos Hospitalários ou Cavaleiros do Hospital ou de Malta; a Ordem de Calatrava; a Ordem de Santiago da Espada.

As duas primeiras foram fundadas em Jerusalém no tempo das primeiras Cruzadas. A de Calatrava foi fundada em Espanha a fim de defender a cidade de Calatrava contra as investidas dos mouros. A de Santiago foi fundada também em Espanha para proteger os peregrinos que acudiam àquella cidade santa.

Em 1128 Dona Teresa, mãe de Dom Afonso Henriques, deu aos Templários o castelo de Soure e os descampados que se estendiam entre Leiria e Coimbra. Esta grande extensão era então completamente inculta, bravia e deserta. Aí os Templários construíram os castelos de Pombal, Ega e Redinha. Apenas as Ordens militares levantavam aquellas fortalezas, logo à sua sombra vinham construir-se pequenas habitações de gente do campo: começavam as terras a ser aproveitadas; vinham artífices e mercadores, fundava-se uma pequena aldeia que quasi sempre crescia e vinha depois a ser uma vila, pelo andar dos tempos.

Na segunda metade do século XII um português subiu pela primeira vez à grande dignidade de Mestre da Ordem dos Templários em Portugal. Desde a adolescência costumado ao

uso das armas, fôra companheiro de Dom Afonso Henriques, dos melhores, dos mais valentes, dos mais leais. Depois como Cruzado embarcou para a Terra Santa onde as suas façanhas de guerra, o seu heroísmo e as suas profundas virtudes cristãs lhe criaram uma fama que se estendeu pela cristandade de então. Contava como amigos os mais nobres e poderosos fidalgos, seus companheiros de armas nas lutas travadas na Terra Santa. O nome de Dom Gualdim Pais era o terror dos infiéis. Não só era êste cavaleiro dotado de invulgar coragem como de fria ponderação perante os maiores perigos; e concedera-lhe Deus aquêles dom tão precioso e tão raro que reveste certos homens de incontestável autoridade e fôrça de mandar.

Nascera em Braga. Desde criança o seu juízo, a sua bravura, a sua humildade e a sua caridade, faziam o assombro de todos que o rodeavam. Estava marcado para o serviço de Deus; mal tinha ainda fôrça de erguer uma espada, e já se exercitava no manejo das armas e na equitação; e passava horas em oração, consagrando desde êsses tempos da adolescência, a vida tôda ao combate sem tréguas aos inimigos da sua fé. Durante a sua estada em Jerusalém entrou na Ordem dos Cavaleiros do Templo. A austeridade da sua vida e os seus altíssimos merecimentos como chefe, levaram-no a Mestre da Ordem em Portugal.

Difícilmente nos nossos dias podemos imaginar a vida simples e frugal daqueles monges-guerreiros só repartida entre

a devoção e as batalhas. Alexandre Herculano descreve-nos assim a acção dos Templários naquelas guerras tumultuosas entre as fôrças compactas e heróicas dos cristãos sempre inferiores em número, e as multidões irrequietas e ruidosas dos sarracenos:

«Os esquadrões do Templo ao formarem-se para a batalha guardavam profundo silêncio, que só era cortado pelo ciciar do balsão bicolor (negro e branco) que os guiava, despregado ao vento, e dos longos e alvos mantos dos cavaleiros que se agitavam. À voz do Mestre, uma trombeta dava o sinal do combate e os freires, erguendo os olhos ao céu, entoavam o hino de David:

«— Não a nós, Senhor, não a nós! Mas dá glória ao teu nome!»

«Então, abaixando as lanças e esporeando os ginetes, arrojavam-se ao inimigo, como a tempestade, envoltos em turbilhões de pó. Primeiros no ferir, eram os últimos em retirar-se quando assim lho ordenavam. Desprezando os combates singulares, preferiam acometer as colunas cerradas, e para êles não havia recuar: ou as dispersavam ou morriam. A morte era de facto mais bela para o Templário que a vida comprada com a cobardia. Bastava que não atingisse o tipo de valor humano, como os velhos guerreiros da Ordem o concebiam, para ser punido por fraco» (1).

---

(1) Alexandre Herculano — *História de Portugal*, vol. iv, pág. 87.

Estava pois terminada a construção do Castelo de Tomar, sob a direcção de Gualdim Pais. Sôbre um cêrro agreste e nu, de onde se avistavam léguas em redor, sentinela atenta, sempre acordada, tremenda fortaleza que ainda hoje lá está no mesmo lugar, mas a cuja sombra vive agora uma das mais lindas e alegres cidades de Portugal, Tomar, que nasceu e foi crescendo e prosperando sob a protecção daquelas formidáveis muralhas erguidas lá no alto, austeras, sombrias, mais parecendo um gigantesco rochedo ali colocado pela mão de Deus, do que um monumento edificado pelos homens.

Assim, à medida que à fôrça de persistente coragem, de combates constantemente renovados, os portugueses iam labutando na conquista da terra, ensopando-a em sangue, comprando-a com a própria vida, sem um desânimo perante os revezes, sem uma hesitação perante a desproporção das fôrças, a pátria portuguesa a pouco e pouco nascia e rudemente ia crescendo, enterrando no solo, devagar, as raízes fundas e rijas que a passagem de oito séculos não conseguiu abalar.

Do norte para o sul os portugueses iam ganhando terreno, iam rechaçando os infiéis. Até Santarém, até Lisboa. Gradualmente, do Tejo para cima a ameaça moira diminuía, a segurança aumentava. Já aglomerações de casas se construíam e se consolidavam à sombra dos castelos; já a cultura dos campos se alargava e permanecia nessas regiões. Muitos dos Cru-

zados de passagem, animados pelas vantagens que os nossos reis lhes ofereciam e tentados pelo clima, iam ficando nas terras reconquistadas aos mouros. Já no tempo de Dom Afonso Henriques várias colónias estrangeiras vieram povoar a Estremadura. Muitas regiões da Beira foram dadas às Ordens militares com obrigação de as proteger e povoar. Mas para o sul era ainda a incerteza, o perigo a cada hora renovado, a devastação. Em postos avançados naquelas desolações, erguiam-se, sentinelas isoladas, atentas e heróicas, os castelos das Ordens militares. Guardas vigilantes de incertas fronteiras, punhados de cavaleiros cristãos firmados na sua fé ardente, defendiam uma pátria em formação.

Fronteiros de Portugal, homens de sobrehumana bravura e de virtudes austeras, humildes no seu heroísmo, nomes ignorados ou esquecidos, para êles se deve voltar o pensamento e a grata admiração dos portugueses de hoje.

Gualdim Pais aparece-nos com a personificação dêsses heróis obscuros. Ao evocarmos a sua figura imaginamos os homens que à sua voz e sob a sua autoridade oravam e combatiam.

A Ordem militar mais poderosa em Portugal era a dos Cavaleiros do Templo; o castelo mais forte, mais inexpugnável, era o de Tomar. À testa dos Templários e comandando o castelo, vêmos Gualdim Pais em quem se concentravam a bra-



vura heróica daqueles guerreiros de Deus e tôdas as suas altas virtudes cristãs. Já era enorme no tempo dêste Mestre a extensão de terras doadas aos Templários pelos reis portuguezes. São suas as regiões em volta de Tomar, e as que vão de Leiria a Coimbra. Alargam-se os seus bens para o Alentejo. São suas as terras de Idanha-a-Velha, de Monsanto, de Açafa.

Quem olhar hoje para o mapa de Portugal e medir os territórios de que os Templários eram então senhores, admira-se da grandeza das suas possessões e cuida que deviam ser enormes as suas riquezas. Mas êsses territórios quando lhes foram doados, não eram mais do que charnecas abandonadas e bravias onde só havia ruína e devastação. Eram desertos só animados de tempos a tempos pela furiosa passagem das batalhas.

Já eram grisalhas as barbas de Dom Gualdim Pais quando Dom Sancho I subiu ao trono. Não era fácil a tarefa que se impunha ao filho de Dom Afonso Henriques. Portugal consolidava-se no norte; mas as guarnições de cidades e vilas fortificadas e de castelos tomados aos moiros nas vastidões do sul, não gozavam de segurança; e as terras conquistadas com tamanho esforço conservavam-se desertas e desamparadas. Os lavradores portuguezes de hoje que se queixam da chuva e do sol e do vento e dos impostos e das leis, deviam comparar as suas contrariedades com os perigos e desgraças que naqueles tempos antigos os seus antepassados tinham de enfren-

tar; e lembrarem-se que da coragem, resignação, e persistência dêsses humildes nasceu esta terra bendita onde cada um hoje trabalha em paz e segurança.

Tinham os portugueses já conquistado muitas terras no Alentejo e, indo mais longe ainda, tinham penetrado no Algarve. Com o auxílio de Cruzados de passagem tomaram Silves, cidade poderosamente fortificada e defendida. Os moiros, espantados e assustados com a rapidez e a fôrça dos seus inimigos sempre inferiores em número, renderam-se com pouca resistência em Albufeira, Lagos, Portimão, Messines, Monchique, Paderne e outras localidades, ficando estas vilas e castelos em poder do rei de Portugal. Mas Dom Sancho não se demorou nestas terras conquistadas. Tratou de fazer as reparações precisas para a defesa das vilas e fortalezas, guarneceu-as o melhor que pôde e marchou a caminho de Beja. Bem sabia êle que as conquistas no Algarve não estavam seguras. Silves e Évora, já na posse dos portugueses, eram no entanto como duas ilhas sem defesas próximas, desamparadas no meio de um deserto. Era preciso tomar Beja, ir varrendo o inimigo dos pontos fortes que ainda ocupava naqueles descampados.

Enquanto Dom Sancho infligia assim derrotas e perdas graves aos moiros, Afonso VIII de Castela, por seu lado, invadia territórios ocupados pelos infiéis em Espanha e infligia-lhes grandes danos.

O imperador de Marrocos Yacub Al-manssor, indignado com os revezes que os seus estavam sofrendo na península, resolveu vingar-se dos cristãos por meio de uma guerra que marcasse bem o seu poder e abatesse de vez o orgulho dos seus inimigos. Encarregou seu irmão Yussuf, que era então Wali de Córdoba e chefe principal dos muçulmanos na península, de reunir as suas fôrças e de as preparar para a batalha; e êle próprio desembarcou em Tarifa com um poderosíssimo exército.

Tôdas estas coisas se faziam naquele tempo com relativa facilidade e com a grande vantagem da surprêsa. Não era preciso instrução militar, todos os homens válidos eram guerreiros; bastava que fôssem fortes e resolutos. Ao chamamento do rei ou do chefe, acudiam cheios de fervor, prontos a combater os cristãos e ardendo em cobiça pelas riquezas que lhes arrebatariam nas cidades, vilas e campos saqueados. E, como não havia meios de comunicação rápidos e as notícias, incertas, se espalhavam devagar, os exércitos invasores chegavam de surprêsa contando com o descuido ou ignorância do inimigo que atacavam.

Yacub, tendo atravessado terras de Espanha onde espalhara quanto pudera a destruição e o terror, avançou sôbre Silves com o seu formidável exército. No entanto, encontrando esta cidade muito bem defendida e não querendo perder tempo,

seguiu seu caminho. Passando além de Évora dirigiu-se sôbre o Tejo que atravessou acima de Santarém. Atacou o castelo de Tôrres Novas que conseguiu tomar depois de dez dias de encarniçados combates. E avançou sôbre Tomar.

Por onde passava o terrível exército moiro, só ficava a devastação e a ruína. As fôrças invasoras eram tão grandes e tamanha a rapidez do seu avanço que mais parecia um flagelo de Deus e custava a crer que fôrças humanas lhe pudessem resistir.

Quando Dom Sancho teve notícia daquela calamidade, e descobrindo a direcção que tomava Yacub, cuidou que a cidade mais ameaçada seria Santarém, e aí reuniu as fôrças de que dispunha, mandando logo recado à sua gente do norte para que viessem ali reunir-se com êle. Esperava em Deus, enquanto êstes reforços não chegassem, ir defendendo a cidade com as tropas que tinha. E tal era a sua certeza de que os moiros atacariam Santarém, que chamou a si todos os seus guerreiros mais próximos, ficando assim desguarnecida tôda a região entre Leiria e Coimbra.

Mas Yacub não atacou Santarém. Caminhou contra Tomar. Sabia o que valiam os Templários, sabia que aquêle castelo era o mais forte de Portugal. Sabia que vencendo Gualdim Pais e os seus terríveis frades-guerreiros, quebraria uma das armas mais poderosas de Dom Sancho.

Mas durante seis dias e seis noites os moiros encarniçados naquela luta, nada conseguiram. Arrasaram campos e casas em tôrno do castelo, mataram, roubaram, queimaram, mas tôda a sua fúria se quebrava, inútil, contra a resistência tenaz, heróica, invencível de Dom Gualdim Pais e dos seus taciturnos cavaleiros.

Os Templários com seus mantos brancos açoitados pelo vento lá no alto das ameias, mais parecendo arcanjos do que homens, despenhavam a morte sôbre os inimigos do seu Deus. De tempos a tempos faziam surtidas; abria-se de súbito a porta do castelo e os cavaleiros brancos precipitavam-se como uma torrente sôbre a multidão dos infiéis. Tão poucos! Mas as suas lanças e espadas refulgiam como labaredas; os moiros caíam à sua passagem como se um tufão os tombasse; e Dom Gualdim e os seus cavaleiros, espalhando o terror e a morte, pareciam invulneráveis. Nenhum caía, nenhum manto branco se tingia de sangue.

Assombrados, alguns moiros afirmavam ter visto durante os combates, verdadeiros anjos descerem das núvens e, com suas vestes alvíssimas e suas espadas de fogo combater ao lado dos Templários.

Durante as surtidas, sempre à frente dos frades-guerreiros cavalgava Dom Gualdim Pais. Os moiros diziam que o Mestre não era uma figura dêste mundo. A sua estatura e a im-

ponência do seu porte faziam-no parecer maior que a comun dos mortais. O tamanho, a beleza e o ensino do seu cavalo branco de neve também se afiguravam aos moiros perfeições que não eram da terra. Alguns infiéis aterrados perante o resplendor da figura do Mestre que julgavam sobrenatural, segredavam a mêdo entre si contando que em certas horas, sob o fulgor encandeante do sol ou à claridade misteriosa da lua, bem tinham visto duas grandes asas de imaculada alvura, abrirem-se e estenderem-se por detrás de Dom Gualdim Pais; e diziam também que os olhos do Mestre dos Templários brilhavam... não como olhos de mortais, mas como estrêlas, e de tal modo que, só de os fitar um momento, muitos moiros tinham caído mortos ou tinham perdido a vista.

A nossa história está cheia de milagres como êste: um punhado de homens resistindo a ataques de multidões de inimigos; um punhado de homens atacando e vencendo exércitos muito superiores em número e em armas. Mas estas coisas não são milagres; apenas são provas da inflexibilidade das leis eternas que dominam o espírito como a matéria. Não só a nossa história, mas igualmente a história das outras nações, está cheia destas verdades que o orgulho ou a cegueira dos homens — ou talvez as próprias leis — os não deixam ver nem entender.

As vitórias necessárias nunca se apoiam sôbre a superio-

ridade das armas. Nas guerras decisivas ao anoitecer de um povo, ao alvorecer de outro, a vitória dêstes firma-se na fé: *a fé que transporta montanhas* e sem a qual os exércitos mais numerosos e mais fortemente armados, estão votados à derrota. Foi essa Arma invisível e suprema que deu aos nossos primeiros reis e aos seus admiráveis companheiros o poder de conquistar aos môiros tanto mais numerosos e fortes do que êles, a terra que é hoje a nossa pátria. A essa Arma devemos Alju-barrota e tôdas as milagrosas glórias da nossa epopeia. Só fomos vencidõs, só caímos na amarga tristeza das derrotas materiais e morais quando a fé em Deus, no nosso destino e em nós mesmos, nos faltou.

Muitas vezes os muçulmanos nossos inimigos poderosos, tanto aqui na nossa terra que palmo a palmo lhes conquistámos, como depois em África e no Oriente, não compreendendo a persistência das nossas vitórias tão inexplicáveis perante o seu poder infinitamente superior, atribuíram essa misteriosa supremacia a milagres e asseveraram ter visto manifestações sobrenaturais da protecção que o céu nos concedia. Exaltação mística? Explicação que lisonjeava o seu orgulho? Mas o segrêdo estava na lei eterna, invariável: os vencedores definitivos num dado ciclo da história humana, foram e serão sempre os que têm a fé ardente e absoluta na inexorável necessidade da grandeza do seu destino. Os povos que duvidam, e des-

crêem de si próprios e da santidade de seus fins, e tentam enganar os outros povos fingindo adorar o que deixaram até de respeitar, estão condenados. Folheando a história dos povos, a cada passo encontramos exemplos claros desta verdade na cadência alternada do marulho que ora afunda um povo no côncavo das suas ondas ora eleva outro à crista das vagas com o ritmo seguro de uma respiração.

Seis dias e seis noites, sem tréguas, sem descanso, Gualdim Pais e os seus cavaleiros defenderam o castelo de Tomar e ali detiveram os moiros enfraquecendo o seu impulso e quebrando a sua certeza de vitória.

Os moiros eram inúmeros e revezavam-se nos seus trabalhos da guerra; mas os Templários eram poucos e nenhum descansava. De pé, sem largarem a espada, comiam quando podiam. Um pedaço de pão, uns goles de água. Não dormiam. Não repousavam um instante. E a sua energia e o seu vigor eram os mesmos. A sua coragem e a sua fôrça não esmoreciam. Era preciso vencer; sabiam que venceriam.

Entretanto Dom Sancho com os seus fidalgos e a sua gente de armas lá estava em Santarém à espera. Mas, vendo que Yacub seguia caminho de Coimbra desesperava-se pois aquela cidade não se encontrava suficientemente guarnecida e além disso, indo naquela direcção, o exército moiro cortava o



caminho aos reforços do norte que o rei esperava com tanto empenho.

Foi então que chegou a Santarém a notícia de que uma nau de Cruzados ingleses entrara a barra do Tejo. Logo Dom Sancho lhes mandou pedir socorro contra os exércitos de Yacub. Mas os moiros, depois daqueles seis dias de atraso e de graves perdas diante do castelo de Tomar, pareciam ter interrompido a sua marcha. Não chegavam notícias de avanços; pelo contrário os espias de Dom Sancho voltavam contando que os moiros se retiravam e que Dom Gualdim Pais com os seus cavaleiros os perseguia com espantoso furor.

Isto era no mês de Junho e, sôbre as terras desbastadas pela guerra, os mortos apodreciam ao sol e dos charcos envenenados pela decomposição de cadáveres de homens e béstas, erguia-se a peste que alastrava sôbre os exércitos de Yacub.

Os ingleses, todos fanfarrões, diziam que bastara a notícia da sua presença para afugentar os moiros. Mas Dom Sancho bem sabia que as valentíssimas hostes de Yacub não tinham mêdo dos quinhentos Cruzados que tinham vindo, Tejo acima, ter com êle a Santarém.

E nisto vieram emissários de Yacub com propostas de paz: diziam os moiros que se Dom Sancho lhes restituísse Silves, êles largariam Tôrres Novas e fariam uma paz de sete anos. Dom Sancho respondeu que não restituía nem um palmo de

terra; que não se importava com tais propostas; que Yacub continuasse a guerra e veria de que os portugueses eram capazes. Vieram novos mensageiros com ameaças de ataque a Santarém se Dom Sancho não aceitasse as propostas. Mas Dom Sancho não fêz caso e preparou-se para defender Santarém. Porém do alto das tôrres as sentinelas não viram chegar as hostes infieis. Os campos e o rio a perder de vista continuaram desertos até que os cavaleiros portugueses mandados pelo rei em exploração, voltaram com a notícia de que Yacub tinha morrido da peste havia três dias e que todo o exército moiro retirava em debandada, dizimado pela terrível doença e perseguido pelos incansáveis Templários de Tomar que, guiados por Dom Gualdim Pais, lhes não davam tréguas.

Yacub não tinha morrido, mas ia muito doente e era verdade que as tropas moiras se retiravam em grande confusão e em muito mau estado. Assim atravessaram o Tejo e se dirigiram sôbre Sevilha, deixando por onde passavam, a terra juncada de mortos. Dêste modo terminou a perigosa investida de Yacub; derrota principiada sob as muralhas do castelo de Tomar onde Gualdim deteve os moiros e tão pesadas perdas lhes infligiu, e continuada depois por Deus com o flagelo da peste.

Uma outra calamidade porém esperava os portugueses. Enquanto os moiros se retiravam de Portugal, sessenta e três

naus de Cruzados inglêses tinham fundeado no Tejo. Vinham de caminho para se juntarem em Marselha com os Cruzados de outros países e seguirem daí juntos para a Terra Santa.

A gente desta armada era um bando de brutos selvagens tão indisciplinados e criminosos, que os seus chefes (Roberto de Sabloil e Ricardo de Camwil) se tinham visto obrigados a tomar contra os seus desmandos e bestialidade, medidas muito severas. Como nos contam cronistas daquele tempo e os anais de Hoveden êstes chefes estabeleceram terríveis castigos para conterem as feras que comandavam: o assassino era lançado ao mar amarrado ao cadáver da vítima; em terra era enterrado vivo com o morto; aquêles que ferisse um camarada, tinha logo a mão decepada; o ladrão era regado com pês a ferver e abandonado na primeira praia que encontrassem.

Por aqui se pode ver que gente era aquela soldadesca..., mais semelhante a hordas de alimárias ferozes do que a seres humanos. Espalharam-se pelas terras de Portugal. Logo de entrada desembarcaram em Lisboa, assaltando, violando, roubando, matando, mil vezes mais cruéis e brutos do que os moiros que eram fidalgos de alma e incapazes de tais ofensas contra povos amigos. Espalharam-se depois pelos campos; onde chegavam era a devastação, a morte, a vergonha e os incêndios. Escolhendo os lugares sem defesa aí se encarniçavam na sua bruteza e bestialidade.

Dom Sancho, tendo notícia destes desvarios da parte de gente que acolhera como amigos e que se chamava cristã, juntou as suas tropas com reforços que tinham chegado do norte do país, e com os cavaleiros das suas Ordens militares, caminhou sobre Lisboa que os Cruzados saqueavam. Porém, cheio de prudência e de juízo, portando-se como cristão e homem civilizado, ainda tentou levar a bem aquela difícil empresa, pedindo aos chefes que metessem a sua gente na ordem, evitando assim uma tão escandalosa batalha entre cristãos. Não conseguiu porém os seus intentos de paz. A cobiça e a ferocidade daquela gente eram tais que os chefes não puderam dominá-las.

Deu-se a batalha. As ruas de Lisboa ficaram juncadas de cadáveres e ensopadas em sangue. Dom Sancho mandou fechar as portas da cidade e assim pôde aprisionar setecentos, sem contar o grande número destes malfeitores que foram mortos. Feito isto negociou com os chefes dos Cruzados e só lhes entregou os prisioneiros depois deles restituírem todas as armas e todos os bens que tinham roubado. Os prisioneiros foram logo embarcados e as naus levantaram ferro e sem demora deixaram o porto e fizeram-se ao largo.

Ainda depois destes acontecimentos teve Dom Sancho de se bater contra os mouros. Muitas vezes ainda se ouviu nos campos de batalha a voz de Gualdim Pais dando a ordem de

combate, e as dos seus cavaleiros entoando o hino de David antes de se precipitarem *como a tempestade* contra as hordas inimigas.

Seguiram-se alguns anos de paz que Dom Sancho aproveitou para consolidar a posse dos territórios conquistados aos mouros e para os povoar atraindo e fazendo doações a colonos estrangeiros. Com o auxílio das Ordens militares às quais doou grandes extensões de terreno, conseguiu que os castelos se multiplicassem guarnecendo as fronteiras naqueles ermos de modo a impedir as investidas e surpresas dos mouros e a reconquista por êles do que os portugueses tinham ganho à custa de tanto esforço e tão heróicos sacrifícios.





*Novembro de 1942.*

*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;  
Pamela Boden ilustrou;  
O S. P. N. mandou dar à estampa.*

EDIÇÕES

SPN

LISBOA